

# *Tensão na área já era grande*

● TABATINGA (AM). Um clima de hostilidade mútua entre soldados brasileiros e garimpeiros colombianos, nas semanas que antecederam o conflito do Rio Traíra, não deixava dúvida de que a área na divisa dos dois países era um barril de pólvora. De um lado, colombianos invadindo o território brasileiro em busca de ouro. Do outro, militares dispostos a tudo para impedir a ocupação.

Dono de uma loja em Villacencio (a 200km de Bogotá), o colombiano Elainer Castañeda diz que a tensão aumentou depois que um destacamento brasileiro teria torturado invasores detidos.

As denúncias de garimpeiros colombianos contra militares brasileiros teriam sido o principal motivo do ataque guerrilheiro ao posto do Exército. Elainer, que já foi garimpeiro, diz que uma colombiana conhecida por Liliane, que trabalhava como cozinheira e prostituta nos garimpos, teria sido torturada e violentada por militares. Ela é que teria pedido ao comando da guerrilha no município de Mitu, na Colômbia, para atacar o posto do Exército. Na invasão, três sentinelas e dois garimpeiros colombianos que estavam presos no posto foram mortos.

Ferido com seis tiros no ataque da guerrilha ao posto, o sargento da reserva Antônio Regis da Silva diz que ele e os demais militares brasileiros só não foram executados porque, antes de morrer, os dois garimpeiros disseram ao comandante da guerrilha que tinham sido bem tratados.

— Nunca me esqueço do comandante das Farc dizendo que estávamos sendo atacados porque os colombianos eram maltratados por causa de um punhado de ouro — diz o sargento Régis, acrescentando que Liliane (cujo paradeiro hoje é desconhecido) tentou convencer o comandante a matar todo mundo.

— O ataque foi rápido, durou menos de cinco minutos. Os dois soldados de sentinela, Sansão Gonçalves e Aldemir Lopes, morreram na hora com tiros na cabeça. Um outro, Sidimar Moraes, tentou pegar a arma, mas também foi metralhado.